A VISÃO DE GILBERTO FREYRE SOBRE AS MULHERES NEGRAS EM CASA GRANDE & SENZALA: UM OLHAR CRÍTICO A PARTIR DA PERSPECTIVA NEGRA

GILBERTO FREYRE'S VIEW OF BLACK WOMEN IN CASA GRANDE & SENZALA: A CRITICAL LOOK FROM A BLACK PERSPECTIVE

*** Camila Oliveira Silva da Cruz**

Recebido em: 08/08/2020.

Aceito em: 18/09/2020

Resumo:

O presente artigo se propõe a discutir uma das obras mais conhecidas da Sociologia Brasileira, Casa Grande & Senzala escrito por Gilberto Freyre. Dessa forma, foram analisados três capítulos do livro, quais focam no papel do negro na construção social do Brasil. O trabalho foca na narrativa que Gilberto Freyre constrói acerca das mulheres negras durante o período colonial. Buscou-se narrativas de mulheres negras (bell hooks, Lélia González, Patrícia Hill Collins, Saidiya Hartman e Sueli Carneiro), que desconstruíssem as ideias racistas e misóginas explícitas por Freyre.

Palavras-chave: Gilberto Freyre. Mulheres negras. Racismo.

Abstract:

The present article aims to discuss one of the most known titles of the Brazilian Sociology, Casa Grande & Senzala written by Gilberto Freyre. This way were analysed three chapters of the book, which focus on the contribution of the black people in the Brazil's social construction. The paper focus on the narrative that was constructed by Gilberto Freyre about black women during the colonial period. It was search narratives of black women (bell hooks, Lélia González, Patrícia Hill Collins, Saidiya Hartman and Sueli Carneiro), that undo the racists and misogynists ideas explicit by Freyre.

Key Words: Gilberto Freyre. Black women. Racism.

1. Introdução

O livro Casa Grande & Senzala foi publicado pela primeira vez em 1933 e faz parte da trilogia que é seguida pelos livros Sobrados & Mucambos e Ordem e Progresso. Os livros escritos por Gilberto Freyre relatam os meandros sociais brasileiros desde o período Colonial, passando pelo Império até a República. O livro analisado neste trabalho é considerado um clássico da Sociologia Brasileira que descreve as bases das relações sociais e raciais no Brasil.

Fazendo parte da primeira geração de sociólogos brasileiros, Gilberto Freyre divergia das ideias eugenistas**[1]** da época, que culpavam os corpos negros e a miscigenação pelo "atraso" brasileiro, seus estudos se

tornam conhecidos, justamente, por serem considerados as primeiras teorias brasileiras a reconhecer o papel central do negro na formação da sociedade brasileira. Sendo parte dessa primeira leva, Freyre tenta explicar as dinâmicas sociais internas que se diferenciavam das descrições sociais internacionais, dessa forma ele pode ser visto como um membro das "(...) gerações passadas do insiderism de homens brancos [que] têm moldado um ponto de vista sociológico que reflete as preocupações desse grupo, pode ser autodestrutivo para as mulheres negras o ato de abraçarem esse ponto de vista" (COLLINS, 2016, p. 119).

No caso brasileiro, essa autodestruição das mulheres negras em contato com a literatura freyriana se consolida com a forma que o sociólogo relata e descreve mulheres negras, colocado-as em papéis sociais que são ligados apenas a servidão braçal e/ou sexual.

O trabalho tem por intuito apontar o racismo e misoginia na literatura freyriana, além de apresentar uma releitura crítica em relação às questões raciais e de gênero no Brasil, usando da pesquisa de mulheres negras que "Em contrapartida, boa parte da experiência das mulheres negras tem sido consagrada a evitar, a subverter e a desafiar os mecanismos desse insiderism de homens brancos" (COLLINS, 2016, p. 118).

2. O racismo e sexismo na obra de Gilberto Freyre

> Há quem louve, com entusiasmo, a extrema bondade de alguns senhores, e por isso, a felicidade invejável dos seus escravos; para mim os bons senhores são como os túmulos de mármore; e a escravidão é como o rato, que semeia ruínas em sua passagem (Luiz Gama, Gazeta da Tarde, 01 jan. 1881**[2])**.

Para o Gilberto Freyre a sociedade brasileira se funda através da relação do senhor de engenho com o escravizado, mas ele descreve essa relação de maneira harmônica sem relações de abusos sexuais, psicológicos e físicos. A teoria de Gilberto Freyre mascara essa realidade obscura e pinta essa exploração de maneira perfeita. Essa perspectiva não violenta é refutada por Abdias do Nascimento em O Genocídio do Negro Brasileiro (1978) onde são mostrado as relações violentas entre senhor e escravizados.

Freyre (2000) partindo do passado colonial para entender o Brasil da sua época, foca em construir as relações étnicos-raciais e de cidadania, ignorando as demais classes sociais e raciais existentes durante o Brasil colônia criando uma binaridade entre senhor e escravizado. A partir disso, ele constrói uma ideia de relacionamento sádico entre os senhores e os escravizados, sendo como ferramenta do português a harmonização dos conflitos suavizando os processos de violência que ocorriam nessa relação.

Ainda que a construção dentro dos estudos da Sociologia Brasileira aponte a contribuição de Gilberto Freyre como o pioneiro a pensar o negro como fator principal da construção da brasilidade, na realidade Freyre não pensa na presença negra e africana no Brasil de maneira estética ou econômica; ao que parece ele se importa apenas em demonstrar as relações de estupros e a experiência sexual de negros no Brasil. Ainda refutando o que muitos acreditam ter sido a primeira literatura que reconhece a participação central dos africanos na formação do Brasil, Freyre (2000, p. 194) os consideram

como "o maior e mais plástico colaborador do branco na obra de colonização agrária". Dessa forma, se percebe a centralidade que o branco português possui na literatura freyriana, sendo povos indígenas e africanos meros coadjuvantes na construção social brasileira.

Partindo da premissa em descrever o Brasil colonial, Freyre perpassa por vários aspectos das relações sociais da época, ainda que as trate de maneira leviana e pouco crítica como as relações entre os homens brancos e as mulheres negras. Nesse sentido, quando Freyre vai tratar da lógica social da Casa Grande[3] e coloca o patriarcado como uma das ferramentas de dominação, ele apenas a aponta como uma dominação para com as mulheres brancas, ignorando o lugar marginalizado das mulheres negras que parte da intersecção[4] do racismo com o sexismo.

Não obstante, através de um ditado Freyre estabelece os papéis sociais das mulheres no período colonial,

> Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: "Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar"; ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata. Aliás o nosso lirismo amoroso não revela outra tendência senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindins e embelegos muito mais do que as "virgens pálidas" e as "louras donzelas (FREYRE, 2000, p. 36)

Ainda que reconheça a superioridade social da mulher branca, a glorificação da mulher negra é dada devido suas características físicas, isso expressa o primeiro indício da animalização e objetificação sofrido pelos corpos negros[5]. Ao passo que à mulher branca cabe a fragilidade e o âmbito doméstico, às mulheres negras cabe o trabalho e o sexo. Esse papel sexual imposto à mulher negra deve ser analisado de maneira crítica, afirmando toda a violência que por vezes se torna implícita durante a literatura Freyriana.

Isto posto, ao contrário do que Freyre chama de intercurso sexual a autora Saidiya Hartman (1996) declara que dentro da lógica escravista e das relações de poderes entre os senhores e as escravizadas, toda a relação sexual era estupro, por justamente existir uma disparidade de poder entre o homem branco e a mulher negra escravizada, a coerção e o poder não deixa brecha para a livre escolha. Dessa forma, ainda que tenham acontecido relacionamentos entre senhores e escravizadas eles foram baseados no abuso e assédio. Freyre quando aborda sobre as violências sexuais as chamam de "intercurso sexual", uma conotação que invisibiliza todo o processo brutal de apropriação forçada do corpo das mulheres negras, como pode ser visto:

> Uma espécie de sadismo do branco e de masoquismo da índia ou da negra terá predominado nas relações sexuais como nas sociais do europeu com as mulheres das raças submetidas ao seu domínio. O furor femeeiro do português se terá exercido sobre vítimas nem sempre confraternizantes no gozo; ainda que se saiba de casos de pura confraternização do sadismo do conquistador branco com o masoquismo da mulher indígena ou da negra (FREYRE, 2000, p. 56).

Em outras partes da sua obra Freyre se refere a "intercurso sexual" como o processo onde os portugueses "misturando-se gostosamente com mulheres de cor" é na verdade um processo de estupro dessas mulheres. E é a partir dessa violência sexual que se inicia o processo de

miscigenação no Brasil, em muitos casos vangloriados, já que violência desse processo foi substituído pelo discurso da diversidade e da aceitação de todas as raças dentro da realidade brasileira. Todavia, como apontado por Carneiro (1995, p. 546) "O estupro colonial da mulher negra pelo homem branco no passado e a miscigenação daí decorrente criaram as bases para a fundação do mito da cordialidade e democracia racial brasileira". Esses mitos pregam a inexistência de um racismo no Brasil já que a miscigenação ocorrida ao longo dos séculos de escravização e durante a República[6] teria feito com que todos os brasileiros obtivessem "sangue negro", sendo assim, impossível a existência do racismo onde todos são "iguais".

Nesse sentido Carneiro (1995), também aponta como homens brancos são inocentados nessa violenta relação sexual não consensual ao passo que as mulheres negras são culpabilizadas. O então sadismo doentio do homem branco destacado acima se concretiza com o caso relatado por Freyre,

> (...) homens brancos que só gozam com negra. De rapaz de importante família rural de Pernambuco conta a tradição que foi impossível aos pais promoverem-lhe o casamento com primas ou outras moças brancas de famílias igualmente ilustres. Só queria saber de molecas. Outro caso, referiu-nos Raoul Dunlop de um jovem de conhecida família escravocrata do Sul: este para excitar-se diante da noiva branca precisou, nas primeiras noites de casado, de levar para a alcova a camisa úmida de suor. impregnada de budum da escrava negra sua amante. Casos de exclusivismo ou fixação. Mórbidos, portanto; mas através dos quais se sente a sombra do escravo negro sobre a vida sexual e de família do brasileiro (FREYRE, 2000, p. 192).

Isso demonstra o lugar da mulher negra dentro dessa lógica sexual existente na casa grande, sendo como um mero objeto sexual, desumanizado a disposição do patriarca branco. Lélia González (1984) traça um raciocínio e demonstra como o cheiro das roupas das mulheres negras passam a ser chamados de "caatinga de crioula", depois cheiro do corpo e como a partir dessa prática o xingamento "negra suja" se consolida e se torna um dos instrumentos do racismo contemporâneo,

> Quando chegava na hora do casamento com a pura, frágil e inocente virgem branca, na hora da tal noite de núpcias, a rapaziada simplesmente brochava. Já imaginaram o vexame? E onde é que estava o remédio providencial que permitia a consumação das bodas? Bastava o nubente cheirar uma roupa de crioula que tivesse sido usada, para "logo apresentar os documentos". E a gente ficou pensando nessa prática, tão comum nos intramuros da casa grande, da utilização desse santo remédio chamado catinga de crioula (depois deslocado para o cheiro de corpo ou simplesmente cc). E fica fácil entender quando xingam a gente de negra suja, né? (GONZÁLEZ, 1984, p. 234).

3. Os três mitos da mulher negra brasileira

Esse lugar exclusivo do sexo e da saciação dos prazeres sexuais do homem branco se materializam na figura mitológica da mulata, a única mulher capaz de satisfazer todas as vontades sexuais do homem branco. Todavia, essa não é a única figura mitológica construída a partir do corpo negro feminino,

> (...) em tudo que é expressão sincera de vida. trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama[7] que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma

> coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem (FREYRE, 2000, p. 191).

As ideias freyrianas acima fortalecem os parâmetros para a construção do mito da mulher negra brasileira: a mulata, a doméstica e a mãe preta, sendo essas descrições explicadas por Lélia González (1984) que refuta e desmistifica diversas ideias defendidas por Freyre sobre as relações raciais no Brasil, suas análises que desumanizam as mulheres negras e negligenciam todo o processo de violência por elas sofrido exercidos pelos senhores brancos.

Além da figura da mulata já apontada, criou-se o mito de mais duas figuras que mulheres negras eram colocadas socialmente: doméstica e mãe preta. A doméstica e a mulata surgem da atualização da mesma figura histórica: a mucama. As duas são a personificação dual das mulheres negras, na qual elas atingem o anonimato e a notabilidade que segundo González representa uma,

> (...) violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas (...) Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí, ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas (GONZÁLEZ, 1985, pp. 228 e 230).

Já a mãe preta é a figura de uma mulher negra mais velha que exerce uma função materna, mas que os filhos para quem vão esses cuidados não são os seus. Nesse sentido González (1984) argumenta que a mulher branca é considerada a legítima esposa e que, como visto anteriormente para Freyre se estabelece no âmbito doméstico, não assume o papel social de mãe, esse por outro lado é exercido pela negra, a mãe preta.

Ainda que Gilberto Freyre tente formar a ideia da mulher negra escravizada como parte da família senhorial ela não faz parte da mesma, ainda que tente descrevê-la como essencial na construção da família branca senhorial ela não pertence de fato a esse local familiar, pois como argumenta Collins (2016, p. 100) "(...) mulheres negras sabiam que elas jamais pertenceriam a suas 'famílias' brancas. Apesar de seu envolvimento, permaneciam como outsiders", porque ainda que participasse da lógica familiar e estivesse presente o seu envolvimento nunca a tornaria de fato parte da família.

Esses mitos são endossados pela mídia brasileira, em especial nas novelas que insistem em afirmar através das personagens a marginalização das mulheres negras (CARNEIRO, 2013). A presença minoritária de mulheres negras nas mídias, bem como a fixação dessa presença em categorias específicas (a mulata, a empregada doméstica e a mãe preta) reforça a ideia racista e sexista na sociedade. Essas programações que as colocam como subservientes e com histórias que giram em torno dos personagens brancos só reafirmam o lugar social descrito por Gilberto Freyre.

Ainda que a mídia vem se renovando e tentando não representar mulheres negras apenas nessas figuras,

não é o suficiente para romper com todo o imaginário social construído. Não apenas na mídia, mas o meio acadêmico também vem sendo cada vez mais transformado pelos trabalhos desenvolvidos por mulheres negras que combatem o discurso branco, sexista e elitista. O trabalho acadêmico de mulheres negras vem transformando a academia ao passar dos anos.

4. O olhar crítico das mulheres negras

As ideias racistas e misóginas acerca das mulheres negras na sociedade brasileira, endossadas por Gilberto Freyre, vêm sendo combatidas a décadas por intelectuais que entendem o olhar distorcido que o sociólogo concluiu em seus estudos, principalmente sobre as relações raciais. Essas perspectivas analisadas ao longo do trabalho feito por mulheres negras carregam um olhar sociológico diferenciado pois,

> É essencial para a continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam o ponto de vista especial que a nossa marginalidade nos dá e façam uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante e vislumbrar e criar uma contra-hegemonia. Estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na construção da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é única e valiosa. (HOOKS, 2015, p. 208).

O conhecimento sociológico tido como tradicional e normal são nitidamente visto com um olhar crítico e percebido como problemático pelas mulheres negras, justamente por serem outsiders within. Esse ponto de vista especial é chamado pela socióloga negra estadunidense Patricia Hill Collins (2016) como outsiders within, as duas ideias propõem que devido o lugar social das mulheres negras, onde são vítimas do racismo e do sexismo, elas possuem uma contribuição teórica única que traz críticas ao sistema racista e sexista hegemônico. Essa contribuição é necessária para que a Sociologia ultrapasse teorias que subalternizam pessoas negras e perpetuam um imaginário social de inferioridade.

Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro conseguem perceber os problemas raciais e de gêneros no Brasil já que as suas diferenças com a hegemonia branca da Sociologia as sensibilizam e,

> Sem dúvida o status de outsider within gera tensões, pois as pessoas que se tornam outsiders within são para sempre modificadas por seu novo status. Aprender os temas centrais da sociologia estimula uma reavaliação das próprias experiências pessoais e culturais; e, mesmo assim, essas mesmas experiências paradoxalmente ajudam a iluminar as anomalias da sociologia (COLLINS, p. 123, 2016).

A construção do pensamento e das perspectivas amefricanas[8] que ressignifiquem o papel das mulheres negras na sociedade brasileira são necessárias para que elas sejam vistas para além de um papel sexual e doméstico apresentado por Gilberto Freyre. Dessa forma, mulheres negras buscam outras perspectivas e narrativas diferentes das hegemônicas que consigam de fato responder aos seus questionamentos que não são respondidos pela Ciências Sociais ortodoxa (COLLINS, 2016).

Assim como Lélia Gonzalez (1984) afirma que mulheres negras sentem a necessidade de aprofundar reflexões antirracistas e sexistas não corroborando com a reprodução dos moldes racistas e sexistas das Ciências Sociais, Patricia Hill Collins (2016) afirma que as Ciências

Sociais branca é limitante para as mulheres negras, além de vê-las apenas como objeto de estudo não oferece suporte teórico e metodológico que abarque as especificidades das teorias por elas feitas. Por isso, mulheres negras se tornam precursora de um contra discurso, por promoverem uma teoria diverge da dominante.

No caso a Sociologia Brasileira tem como um dos seus precursores Gilberto Freyre e com isso, suas ideias que inferiorizam mulheres negras faz com que a base das Ciências Sociais brasileira se torna para além de limitante, academicamente, dolorosa devido o dano a auto estima das mulheres negras (COLLINS, 2016).

Essa subalternização das mulheres negras na teoria Freyriana fortalece não apenas a marginalização social desses corpos, mas a que se estende na academia. Mulheres negras vêm ocupando um local marginal nos ambientes acadêmicos e suas críticas, devido a sua marginalidade, mudam a lógica da academia (COLLINS, 2016). Por esse motivo é importante trazer o discurso racial crítico para o centro da Sociologia não usando mais os corpos das mulheres negras como meros objetos de estudo, assim como fez Freyre, que as transformam também em um objeto sexual. É necessário "Pensar a contribuição do feminismo negro na luta anti-racista é trazer à tona as implicações do racismo e do sexismo que condenaram as mulheres negras a uma situação perversa e cruel de exclusão e marginalização sociais" (CARNEIRO, 2003, p. 129).

Esses trabalhos e essas novas perspectivas do olhar sociológico são enriquecedores para a construção do pensamento sociológico contemporâneo e a importância de "(...) se identificar o próprio ponto de vista ao se conduzir uma pesquisa" (COLLINS, 2016, p. 101). É importante substituir as imagens negativas e estereotipadas das mulheres negras do imaginário social mostrando imagens autênticas e isso deve ser feito por elas mesmas pois,

> Quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posições de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade têm o direito de estarem nessas posições. Independentemente do conteúdo de fato das autodefinições de mulheres negras, o ato de insistir na autodefinição dessas mulheres valida o poder de mulheres negras enquanto sujeitos humanos (COLLINS, 2016, p. 104).

Os trabalhos dessas mulheres contribuem para um novo discurso da Sociologia, uma que não seja masculina, branca e classista, mas que entenda esses sujeitos, antes vistos apenas como objeto de estudo como parte fundamental na construção da Sociologia contemporânea. Se identificar com a pesquisa de maneira positiva é muito importante para pessoas marginalizadas na academia, para que essas pessoas entendam que o seu lugar de marginalidade lhe dá a possibilidade de perceber os problemas que a academia e as suas teorias brancas e excludentes possuem (COLLINS, 2016).

Não somente combater essas imagens criadas por sociólogos e pensadores que desumanizam essas mulheres negras, o conhecimento feito por elas faz com que,

> A insistência de mulheres negras autodefinirem-se, autoavaliarem-se e a necessidade de uma análise centrada na mulher negra é significativa por duas razões: em primeiro lugar, definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente a imagens que promovem uma autodefinição sob a forma de "outro" objetificado é uma

> forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação[9] (COLLINS, 2016, p. 105).

Mulheres negras têm a necessidade de se autodefinirem e autoavaliarem de maneira não estereotipada e que parta das experiências vivenciadas por essas mulheres, pois quando as mesmas estão construindo seus conceitos e teorias acadêmicas, para além de uma contraposição feita por pensadores considerados precursores e/ou fundadores de pensamentos ou teorias, que carregam racismo e sexismo na sua constituição, elas estão construindo e desenvolvendo um conhecimento que as tire da desumanização e consequentemente da animalização, tornando-as sujeitos ativos e não mais objeto.

Produzir academicamente a partir da perspectiva de uma mulher negra é combater o sistema de dominação que animaliza esses corpos. Não obstante, essas mulheres negras fazem a academia refletir sobre as suas bases antes incontestáveis. A presença delas dentro da produção de conhecimento gera mudanças. Embora fugir dessas narrativas que promovem um imaginário racista e misógino sobre as mulheres negras é necessário para que sejam feitas mudanças estruturais.

5. Considerações Finais

É possível perceber que Gilberto Freyre estabelece de maneira clara a presença e função social das mulheres negras no período colonial e na formação da sociedade brasileira, de que essas mulheres só servem o papel sexual, experienciado pelo estupro das mesmas e ao papel de servidão, que além de se encontrarem nas lavouras também estavam presentes no trabalho doméstico. Essa narrativa construída para mulheres negras as tiram do lugar de agência e (re)existência durante todo o período escravocrata (Colônia e Império), após a abolição legal se estendendo a atualidade.

Para romper com esse imaginário é necessário endossar a literatura de mulheres negras e reconhecer os seus trabalhos acadêmicos como contribuições importantes e relevantes para a Sociologia percebendo que elas criam teorias que combatem e desmistificam a literatura racista de Freyre. A visão particular das mulheres negras frente a teoria hegemônica é importante, pois traz perspectivas amefricanas[10] como as de Lélia González e Sueli Carneiro que ressignifiquem o papel das mulheres negras na sociedade brasileira para além de um papel sexual e doméstico apresentado por Gilberto Freyre, além das contribuições da Saidiya Hartman que endossam a explicação do não consentimento nas relações sexuais entre senhores e escravizadas. É importante entender a necessidade do revisionismo dessas obras consideradas clássicas já que elas pautam o imaginário racial até hoje.

Como já dito, Freyre faz parte da geração dos insiderism dos homens brancos que moldaram a Sociologia, ao passo que as críticas à sua literatura partindo da perspectiva das mulheres negras buscam outras perspectivas e narrativas diferentes das hegemônicas e por isso o lugar de *outsider within* é um local social de ação e de possibilidade da construção de um conhecimento que seja contra hegemônico, que nesse caso prega a harmonia racial no Brasil. Esse local onde mulheres negras podem construir sua autoimagem e fazerem a sua autoavaliação de maneira que não objetifique e animalize seus corpos

é importante para refutar as bases das Ciências Sociais como foram criadas primordialmente, que normalizavam a visão animalizada e sexualiada das mulheres negras que em muitos aspectos foram romantizadas. Fazendo isso as mulheres negras conseguem construir uma Sociologia contemporânea que não exotize o que não é masculino e branco e que contribua para a transformação social. Para além de reconhecer e criticar o racismo explícito na obra de Freyre é importante compreender que mulheres negras estão produzindo conhecimento que fale sobre si mesmas sem objetificá-las e desumanizá-las e por isso a leitura e fomentação desse conhecimento é importante para combater o racismo e a misoginia que impactam as vidas delas.

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA

*Graduanda em Ciências Sociais (licenciatura) pela Universidade de Brasília - UnB. E-mail: camilacruz824@gmail.com

NOTAS

[1] As teorias eugenistas tomam forma no final do século XIX se consolidando no século XX, elas partem da premissa do darwinismo social, que tentava aplicar a teoria da evolução das espécies ao contexto social, sugerindo a superioridade da raça branca em relação às outras. No Brasil, um dos precursores da teoria eugenista foi o médico, Nina Rodrigues, que defendeu a ideia que criminosos tinham um fenótipo definido, o negro, e por esse motivo pessoas negras eram mais propensas a cometerem crimes (MARTINS, 2017). Abdias do Nascimento (1978) explícita a ideia de outros autores dos séculos XIX e XX que afirmavam que devido a superioridade da raça branca, com a mistura de raças a branca prevaleceria e por isso, mais cedo ou mais tarde a raça negra seria eliminada no Brasil. As "Teorias científicas forneceram suporte vital ao racismo arianista que se propunha erradicar o negro" (NASCIMENTO, 1978, p. 71), no caso brasileiro a erradicação viria através da miscigenação com o intuito de fazer a "mancha negra" desaparecer do país.

[2] PINTO, 2018, p.103, apud. Luiz Gama, Gazeta da Tarde, 01 jan. 1881.

[3] Segundo ele é a expressão máxima do sistema patriarcal da colonização.

[4] Interseccionalidade é um termo cunhado pela, advogada e professora universitária, estadunidense Kimberlé Williams Crenshaw em 1991 no texto Mapping the Margins Intersectionality Identity Politics And Violence. O conceito propõe pensar que a experiência social de cada pessoa é moldada a partir das múltiplas dimensões sociais, tais como raça, gênero, sexualidade.

[5] "O branco está convencido de que o negro é um animal; se não for o comprimento do pênis, é a potência sexual que o impressiona. Ele tem necessidade de se defender deste 'diferente', isto é, de caracterizar o Outro. O Outro será o suporte de suas preocupações e de seus desejos" (FANON, 2008, p. 147).

[6] No final do século XIX mas, principalmente, nas primeiras décadas do século XX, o Brasil investiu em propagandas e políticas públicas que tinham como intenção o embranquecimento da raça. Para que isso acontecesse a vinda de imigrantes vindos da Europa foram endossadas pelo governo da época (NASCIMENTO, 1978).

[7] Grifos feitos pela autora do artigo.

[8] Amefricanidade é uma categoria, criada pela antropóloga brasileira Lélia Gonzalez, que "(...) incorpora todo o processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada (...) Por conseguinte, o termo amefricanas/amefricanos designa toda uma descendência: não só dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro, como a daqueles que chegaram à AMÉRICA muito antes de Colombo" (GONZALEZ, 1988, pp. 76-77).

[9] Grifos feitos pela autora do artigo.

[10] GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. IN: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.), 1988, pp. 69-82.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. IN: Estudos Feministas, ano 3, 2ª semestre, 1995, pp. 544-552.

_______________. Mulheres em movimento. IN: Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, pp. 117-133, dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 nov. 2019. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. IN: Revista Sociedade e Estado, vol.31, n.1. Janeiro/Abril 2016, p.99-127.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Mapping the Margins Intersectionality Identity Politics And Violence. IN: Stanford Law Review, vol. 43, No. 6 (Jul., 1991), pp. 1241-1299. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/1229039. Acesso em: 20 abr. 2020. DOI: 10.2307/1229039.

FANON, Frantz. Peles Negras, Máscaras Brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREYRE, Gilberto. Prefácio à Iª edição (Gilberto Freyre). IN: FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2000, pp. 29-63.

_______________. I Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida. IN: FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2000, pp. 64-155.

_______________. IV O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro. IN: FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2000, pp. 366-497.

_______________. V O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro (continuação). IN: FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2000, pp. 498-574.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. IN: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.), 1988, pp. 69-82.

_________________. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. IN: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, pp. 223-244.

HARTMAN, Saidiya. Seduction and the Ruses of Power. IN: Callaloo. vol. 19, n. 2, Emerging Women Writers: A Special Issue (Spring, 1996), pp. 537-560.

HOOKS, bell. Moldando a teoria feminista. IN: Revista Brasileira de Ciência Política, n.1. Brasília jan./abr. 2015. p.193-210.

MARTINS, Vinicius. Eugênia: por um Brasil mais branco. Alma Preta, 16 Out. 2017. Realidade. Disponível em: https://almapreta.com/editorias/realidade/eugenia-por-um-brasil-mais-branco. Acesso em: 17 Set. 2020.

NASCIMENTO, Abdias. Capítulo V O Branqueamento da raça: uma estratégia de genocídio. IN: NASCIMENTO, Abdias. O Genocídio do Negro Brasileiro. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978, pp. 69-77.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. Luiz Gama, uma vida na roda vida. IN: PINTO, Ana Flávia Magalhães. Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2018.